



CATÁSTROFE NO HIMALAIA

# O drama do Nepal a caminho da ONU

Premiê estuda levar à Assembleia Geral, neste mês, seu relato sobre o colapso da geleira e um apelo à ação contra o aquecimento global. No cenário, equipes seguem buscando sobreviventes e tratam de sepultar os mortos

» SILVIO QUEIROZ

O primeiro-ministro do Nepal, Balendra Shah, estuda uma recomendação dos assessores diretos para que vá a Nova York, neste mês, para falar à Assembleia-Geral das Nações Unidas sobre a urgência de o mundo adotar medidas efetivas para enfrentar as mudanças climáticas. Cientistas apontam o aquecimento global como fator indiscutível por trás da tragédia da semana passada na fronteira sino-nepalesa, onde o colapso parcial de uma geleira provocou uma avalanche e inundações-relâmpago que, até ontem, deixavam um saldo de mais de mil mortos e ao menos 4.400 desaparecidos, além de danos materiais estimados na casa dos bilhões de dólares.

“Considerando o novo contexto no país, especialmente depois das enchentes, o primeiro-ministro está sendo aconselhado a participar em pessoa da Assembleia-Geral”, informou o gabinete, ressaltando que ainda não tinha sido tomada uma decisão. Originalmente, a delegação do país deveria ser chefiada pelo chanceler, Shisir Khanal. O próprio Balendra Shah, um rapper de 36 anos que assumiu o governo há menos de seis meses, publicou postagem nas redes sociais na qual afirma que “não há dúvida de que as mudanças no clima são um fator por trás” da calamidade. A Cordilheira do Himalaia experimentou uma elevação da temperatura média da ordem de 1,8°C, que provoca instabilidade nas centenas de geleiras que abriga.

“Já é hora de a nossa região não apenas tomar-se mais vigilante, mas expor de maneira contundente perante a comunidade internacional os desastres a que somos forçados a enfrentar como resultado das mudanças climáticas”, provoca o premiê nepalês, em seu texto. “Por que a neve e as rochas entraram em colapso? De onde veio tanta água?”, questiona. “A civilização humana tem de encontrar respostas para essas questões.”

## Sinais prévios

Um relatório publicado na semana passada por um consórcio de cientistas das regiões montanhosas da Ásia sugere que, dias antes da catástrofe, a geleira que deu origem à avalanche apresentava “sinais visíveis” de risco de deslizamentos. Eles compreendem a maior presença de água em estado líquido, cuja cor marrom sugere a infiltração no solo, e rachaduras nas rochas de sustentação da



Por que a neve e as rochas entraram em colapso? De onde veio tanta água? ”

**Balendra Shah,**  
primeiro-ministro do Nepal



Nepal e China precisam trocar informações sobre riscos naturais transfronteiriços”

**Austin Lord,** pesquisador  
senior do Stimson Center

encosta. “Olhando em retrospectiva, havia algumas indicações prévias”, diz o informe do HiRISK, que reúne pesquisadores e estudiosos de universidades e outras instituições da China, Índia, Paquistão, Tajiquistão e Butão. O texto admite que a presença de um sistema mais abrangente de alertas antecipados “poderia ter salvado um número significante de vidas”. A instalação deles na região é recente e se concentra na observação de lagos glaciais na China, mas nenhum dispositivo do tipo está em operação para monitorar indícios de desastres relacionados às geleiras, diz o HiRIZK, que se dedica a dados sobre ambientes montanhosos.

A capacidade de produzir alarmes eficazes em eventos, como o da semana passada, porém, é objeto de discussão na comunidade científica, e outros estudiosos do tema ponderam que as condições verificadas na fronteira sino-nepalesa dificilmente permitiriam detectar com antecipação um desastre daquela magnitude. “Praticamente, não havia meios para que alguém pudesse ter detectado aquele desastre previamente”, argumenta Austin Lord, pesquisador senior na área de energia, águas e sustentabilidade no Stimson Center, instituto com sede em Washington. “Aquilo aconteceu em um ‘ponto cego’ (nas montanhas).”

Economista com mestrado em

Manan Vatsyayana/AFP



Em Katmandu, monges do budismo tibetano, que têm expressiva presença no Nepal, fazem vigília em memória das vítimas das enchentes

## A identificação terá de esperar

Manan Vatsyayana/AFP



Com os necrotérios lotados e o risco oferecido à saúde pública pelo prolongado acúmulo de corpos em decomposição, as autoridades nepalesas passaram a enterrar centenas de corpos após coletar suas amostras de DNA, na esperança de que os parentes possam identificar seus entes queridos posteriormente. Preservados em recipientes plásticos, os corpos são marcados com etiquetas que registram o número com o qual estão guardadas as respectivas amostras. Na capital, Katmandu, muitas

famílias começam a celebrar ritos funerários das tradições budista e hinduista, mesmo sem terem encontrado as vítimas, de maneira a seguir com o luto. Razel Shrestha, 12 anos, ateou fogo a uma imagem que representava o pai, Krishna Shrestha, desaparecido no distrito de Rasuwa. “Procuramos em todos os lugares, fomos a necrotérios por todo o país, mas não conseguimos encontrar o corpo”, disse à AFP seu irmão Jeevan. “Então, a família se reuniu e decidiu realizar os rituais tradicionais para libertar sua alma.”

ciências ambientais pela Universidade Yale, Lord alerta sobre “como é profundamente necessário que Nepal e China mantenham comunicação e troquem informações e análises sobre riscos naturais transfronteiriços”.

## Salvamento e luto

O Nepal entrou hoje na

segunda semana desde a catástrofe com os esforços divididos entre a busca desesperada por sobreviventes e a urgência sanitária de sepultar os mais de mil corpos recuperados. Equipes especializadas de militares e outros profissionais, inclusive de países como China e Coreia do Sul, seguem buscando acesso a cerca

de 600 trabalhadores presos em túneis obstruídos onde estavam em obras 11 projetos de usinas hidrelétricas. Uma entre várias detonações controladas de rochas permitiu aos socorristas acessar uma área, mas ninguém foi encontrado.

O chanceler Shisir Khanal procurou confortar as famílias que seguem aguardando notícias sobre

parentes. “Milagres acontecem”, disse à agência de notícias France-Presse (AFP). “No momento, não quero perder completamente a esperança.” Em Katmandu, diante de um mural com fotos de desaparecidos, Debu Sapkota confessou à AFP que já não acreditava em encontrar vivas a sogra de 83 anos e a neta. “Estou aqui na esperança de encontrar os corpos.”

## ORIENTE MÉDIO

# EUA e Irã trocam ataques e ameaças no mar

Estados Unidos e Irã seguiram ontem a troca de ataques e ameaças iniciada no fim de semana, depois de um mês de relativa trégua na orla do Estreito de Ormuz. Em resposta a uma bateria de mísseis e drones lançados contra bases norte-americanas na Jordânia e nos Emirados Árabes, o Comando Central dos EUA, que responde pelas operações militares na área, anunciou ter bombardeado alvos da Guarda Revolucionária iraniana para frustrar “tentativas de agressão contra embarcações comerciais no Estreito de Ormuz e contra militares americanos mobilizados na região”.

A televisão estatal do Irã relatou

“múltiplas explosões” próximas ao Porto de Bandar Abbas e da ilha de Qeshm. O vice-governador da região, Ahmad Nafisi, confirmou que quatro pessoas foram mortas e 50 ficaram feridas em um dos incidentes. “Uma residência foi atacada enquanto uma festa de casamentos era celebrada”, disse. A Guarda Revolucionária respondeu aos ataques com a promessa de que “um severo castigo aguarda os agressores”. Em publicação na rede social X, o porta-voz da unidade militar de elite, Hossein Mohebi, desafiou os adversários: “Os EUA se arrenderão dos novos ataques”.

A retomada de escaramuças no Estreito de Ormuz, por onde passava um quinto do petróleo

Atta Kenare/AFP



Mural em Teerã retrata navio norte-americano sob ofensiva

negociado nos mercados globais, até o início da guerra de EUA e Israel contra o Irã, foi o bastante para empurrar mas para cima as cotações da commodity. Na véspera, os ataques do fim de semana tinham levado o preço do barril para o patamar de US\$ 90, contra US\$ 70 até o fim de fevereiro, quando a República Islâmica sofreu os primeiros ataques. Apesar do fechamento da via marítima pela Guarda Revolucionária, o frágil cessar-fogo de 60 dias entre Washington e Teerã e a expectativa de um acordo para normalizar o tráfego naval tinham permitido relativa estabilidade dos preços, mas ontem eles voltavam a se aproximar de US\$ 100 o barril.

## Diplomacia

Em declarações durante um encontro de cúpula regional no Quirguistão, o presidente iraniano, Masoud Pezeshkian, reiterou que o país está disposto a retomar a via diplomática, desde que os EUA demonstrem interesse correspondente. “Se voltarem a colocar em prática o acordo de junho, tomaremos imediatamente medidas recíprocas”, afirmou. Pezeshkian participou na capital quirquize, Biskek, da reunião de chefes de Estado e governo da Organização de Cooperação de Xangai (OCX), e ouviu palavras de apoio dos colegas da China, Xi Jinping, e da Rússia, Vladimir Putin.